

Tatiane Bezerra Oliveira

**O Uso Problemático de Álcool e Outras Substâncias por Mulheres e o Tratamento**

Uberlândia

2019

Tatiane Bezerra Oliveira

**O Uso Problemático de Álcool e Outras Substâncias por Mulheres e o Tratamento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marciana Gonçalves Farinha

Uberlândia

2019

Tatiane Bezerra Oliveira

**O Uso Problemático de Álcool e Outras Substâncias Psicoativas por Mulheres e o  
Tratamento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Marciana Gonçalves Farinha

Banca Examinadora

Uberlândia, 05 de Julho de 2019

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marciana Gonçalves Farinha (orientadora)  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Neftali Beatriz Centurion  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Benevides Magalhães Braga  
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2019

## RESUMO

A partir do relato da trajetória de vida de mulheres que já fizeram uso problemático de álcool e/ou outras substâncias psicoativas, o presente estudo objetivou compreender a percepção que essas mulheres têm do tratamento por elas recebido em suas relações familiares, sociais e nos serviços de saúde. Os relatos foram obtidos através da entrevista fenomenológica, sendo analisados a partir da hermenêutica existencial. Os resultados foram agrupados nas seguintes Unidades de Significado: o primeiro contato com álcool e outras SPA's; o contexto universitário; dores, angústias e o uso de substâncias; estigma da mulher usuária, humilhação social e violência. A partir dos principais temas que se desvelaram na análise, observou-se que o público feminino é, historicamente, colocado em um local simbólico, socialmente determinado, marcado por várias significações idealistas sobre o que é ser mulher. Ademais, o uso de álcool e de outras substâncias psicoativas contribui para que essas mulheres vivenciem experiências de violências e de humilhação social. Desta forma, os profissionais da área de saúde devem atentar-se a estes processos históricos e culturais que permeiam o ser mulher em uso problemático, de modo a reconfigurar as práticas em prevenção e promoção de saúde, bem como o tratamento.

**Descritores:** Alcoolismo; Transtornos Relacionados ao Uso de Álcool; Usuários de Drogas; Mulheres.

## ABSTRACT

From the report of the life trajectory of women who have already made problematic use of alcohol and / or other psychoactive substances, this study aimed to understand the perception that these women have of the treatment received by them in their family relations, social relations and health services. The reports were obtained through phenomenological interview, being analyzed from existential hermeneutics. The results were grouped in the following Units of Meaning: the first contact with alcohol and other psychoactive substances; the university context; pain, distress and the use of substances; stigma of the woman user, social humiliation and violence. From the themes that were revealed in the analysis, it was observed that women live in a symbolic place, historically built, marked by several idealistic meanings about what it is to be a woman. In addition, the use of alcohol and other psychoactive substances contributes to these women experiencing violence and social humiliation. In this way, health professionals must pay attention to these historical and cultural processes that permeate women in problematic use, in order to reconfigure practices in prevention and health promotion, as well as treatment.

**Descriptors:** Alcoholism; Alcohol-Related Disorders; Drug Users; Women.

## INTRODUÇÃO

O uso problemático de álcool e outras substâncias psicoativas (SPA's) é um fenômeno que, por muitas décadas, esteve diretamente relacionado à loucura e sua trajetória histórica. Os sujeitos que faziam uso problemático de substâncias eram internados nas primeiras instituições psiquiátricas sob a prerrogativa da abstinência e de abandono do uso. Isolados de seu convívio social, estes indivíduos foram submetidos às mesmas terapêuticas utilizadas com todos os internos, sem um olhar para suas necessidades terapêuticas e subjetivas (Pratta & Santos, 2009). Assim, para se compreender a história de constituição do sujeito que faz uso problemático de álcool e outras SPA's, se faz necessário um breve resgate histórico acerca da instituição da loucura enquanto transtorno mental.

As interpretações que tentam abarcar o fenômeno da loucura são muitas, sofrendo variações de acordo com os períodos da história. A loucura é inicialmente relatada na Antiguidade grega e romana, sendo classificada enquanto práticas mitológicas ligadas à manifestação sobrenatural atribuída aos deuses. Já na Idade Média, percebe-se que permanece o modelo explicativo mítico-religioso, contudo assumindo o viés cristão que firma-se na sociedade ocidental. Neste período, as explicações acerca do que é loucura assumem que esta é uma expressão de bruxaria, manifestação ligada ao “demonismo” e cujo tratamento caracterizou-se pela perseguição, tal como se praticava com os hereges (Millani & Valente, 2008).

A partir do século XVII, até por volta do século XIX, o fenômeno da loucura é a construção de sua história a partir do conceito de alienação e, posteriormente, de “doente mental”. Essa construção vincula-se à noção de sujeito da modernidade, fundada no surgimento da compreensão do homem enquanto indivíduo e concretizando-se na consolidação do sujeito cartesiano, marcado pela racionalidade científica. Nasce um pensamento mecanicista, sustentado pelos princípios de causalidade e previsibilidade, dando origem ao sujeito da Razão, livre e com acesso aos direitos de cidadania. Nesta situação, a loucura é abarcada na imagem do sujeito desprovido de tal Razão, personificada na figura do alienado, aquele que tem seus juízos alterados e que estaria “fora” da realidade (Torre & Amarante, 2001).

O ano de 1656 é marcado pela inauguração do primeiro Hospital Geral, localizado em Paris. Seu objetivo inicial era o de alojar aqueles que ali se apresentassem de modo espontâneo, ou ainda, que fossem encaminhados por autoridades judiciárias ou representantes do rei. Isto conferiu a este hospital características jurídicas, situando-o entre os limites da

polícia e da justiça. Estes estabelecimentos espalharam-se por toda a Europa e, ainda no século XVII, casas de internamento foram inauguradas e muitas destas utilizavam-se da estrutura física dos antigos leprosários da Idade Média. Essas instituições mesclavam as preocupações burguesas em relação à miséria e o assistencialismo da Igreja, sendo que a prática da caridade e de ajuda aos necessitados confundia-se com a repressão e a punição. Assim, vê-se que o Classicismo deu origem ao gesto de internamento, porém agora com novas significações morais, sociais, econômicas, políticas e religiosas. Foram estas novas significações que encaixaram os alienados na prática do internamento. Pinel, reconhecido como o primeiro alienista, era médico e dedicava-se aos estudos nosográficos no campo da medicina, contribuindo para que o alienismo que se formava assumisse, cada vez mais, uma linguagem médica (Foucault, 2014).

De acordo com Desviat e Ribeiro (2015), o enclausuramento assumia, na prática, uma posição higienista, oferecendo uma resposta à desorganização social e à crise econômica devido às transformações nos modos de produção europeus. Tratava-se de um espaço de exclusão social, com a intenção de ocultar a miséria. Entretanto, estas transformações afetaram ainda as normas sociais, pois proibiam a privação da liberdade sem garantias jurídicas. Ainda de acordo com os autores, a reclusão dos alienados torna-se, então, algo imprescindível e terapêutico, sinônimo de isolamento do mundo externo que causa perturbações e distúrbios. O tratamento da loucura se resumia a internação em asilos, isolamento e tratamento moral, tendo a sua legalidade salvaguardada pela Psiquiatria.

Contudo, o alienismo foi alvo de duras críticas, desde os seus momentos iniciais. Observou-se que o tratamento moral, bem como o isolamento dos alienados, eram opostos aos ideais libertários tecidos em torno da Revolução Francesa. Os limites entre a sanidade e a loucura tornaram-se mais difíceis de se estabelecer, a real função social dos hospícios na segregação social era incontestável e o número de denúncias de violência contra os internos crescia. Após a Segunda Guerra Mundial, ficava cada vez mais evidente que a situação vivida pelos internos em hospitais psiquiátricos eram semelhantes às experiências vividas pelos judeus nos campos de concentração. Estas foram as bases iniciais para o movimento da Reforma Psiquiátrica em diversos países (Amarante, 2017).

No Brasil, a Reforma Psiquiátrica representou um movimento histórico, político, social e econômico, influenciado por diversos profissionais da área de Saúde Mental, tendo como principais pilares a desinstitucionalização e a desconstrução dos manicômios e dos paradigmas que o sustentavam. Progressivamente, novas propostas de práticas terapêuticas foram surgindo, juntamente com a necessidade de retomar o aspecto humano que foi

desnaturalizado da figura do louco (Gonçalves & Sena, 2001). Ao se falar da figura do louco, fala-se também da figura do sujeito que faz uso problemático de álcool e/ou outras SPA's. Todavia, os autores Paiva, Ferreira, Martins, Barros e Ronzani (2014) encontram que, mesmo com as transformações sociais que perpassam as concepções em torno do usar substâncias psicoativas, em certa medida o tratamento moral ainda persiste. Para os autores, tal fato é percebido através do estigma tecido pela sociedade e pelos profissionais de saúde em torno da figura do usuário.

Acrescenta-se que o uso prejudicial de álcool esteve atrelado aos homens, ainda que este uso problemático não esteja restrito a essa população. Oliveira, Dell'Agnolo, Ballani, Carvalho e Pelloso (2012), em uma revisão de literatura, notam a quase inexistência de publicações sobre o fenômeno de dependência de álcool entre as mulheres. Em seus achados, os autores também destacam que os profissionais de saúde devem atentar-se para essa situação, pois a mulher manifesta o uso por outros meios, como por exemplo a depressão, devido ao receio de enfrentar situações discriminatórias.

A literatura aponta estudos que buscam investigar a influência do contexto assistencial de profissionais de saúde na visibilidade do consumo problemático de substâncias por mulheres. Oliveira, Paiva e Valente (2007) encontraram que as representações sociais de profissionais de saúde refletem construções socioculturais que delimitam desigualdades produzidas, sobretudo, pelas relações de gênero. Essas construções interferem no planejamento e implantação de estratégias de atenção à saúde, bem como constituem obstáculos para a busca e envolvimento de mulheres em uso problemático de substâncias nos serviços de saúde especializados.

Assis e Castro (2010), em uma pesquisa com cerca de 15 colaboradoras, buscaram traçar o perfil geral da mulher que faz uso abusivo de álcool, focando nas circunstâncias que levaram ao início do uso, bem como aquelas que viabilizaram a procura por tratamento. Entre as mulheres entrevistadas, 33,33% destas tiveram sua primeira experiência com álcool nas fases da infância e adolescência. As motivações para o uso problemático encontram-se atrelados a eventos significativos, sobretudo morte e/ou perda de alguém, bem como por pressão de grupos sociais, conflitos pessoais, busca por prazer e por alternativa de vida ou, ainda, por fatores intimamente relacionados às relações familiares e entre amigos. Na busca por tratamento, os autores citados apontam que a mulher, ao contrário do homem, defronta-se com sentimentos de baixa estima, medo, culpa, vergonha em maior intensidade.

Em um estudo sobre as representações sociais construídas por mulheres que fazem uso abusivo de álcool, Campos e Reis (2010) apontam algumas expressões que remetem a um



sistema de denúncias, fundamentado na lógica que rege as relações de gênero, onde essas mulheres são identificadas como “mulheres que abusam do álcool” e que, portanto, não desempenham os papéis sociais que dela são esperados, como a maternidade e os cuidados com o lar.

Nóbrega e Oliveira (2005), em estudos sobre a história de vida de mulheres usuárias de álcool, encontram que, na medida em que as entrevistadas elevaram o consumo de álcool, comprometimentos sociais, familiares e clínicos foram desencadeados. A busca por tratamento surge de forma tardia e a partir da percepção desses prejuízos e de críticas recebidas, o que é relacionado a alguns fatores como: ausência de creche para os filhos; perda de apoio psicológico e jurídico; desemprego; pouca receptividade de profissionais de saúde; oposição social; e também estigma social, construído em torno da mulher que bebe. Os autores encontraram que a falta de apoio social à mulher usuária de álcool acontece em decorrência da baixa tolerância social de seu hábito de beber.

Como a literatura consultada aponta a escassez de estudos acerca do fenômeno de uso problemático de álcool e outras SPA's por mulheres, bem como as práticas de estigmatização e discriminação que permeiam suas relações sociais, familiares e com os dispositivos de saúde, o presente estudo busca compreender a experiência destas mulheres. A partir de seus relatos, este trabalho objetivou conhecer a percepção que as mulheres, que fazem uso problemático de álcool e/ou outras SPA's, tem do tratamento por elas recebido em suas relações familiares e sociais a partir do relato de suas trajetórias de vida.

## **MÉTODOS**

### *Tipo de Estudo e Abordagem*

Foi realizado um estudo qualitativo sob a perspectiva teórico-metodológica da hermenêutica fenomenológica. Conforme aponta Goto (2014), a Fenomenologia pode ser descrita enquanto uma perspectiva filosófica que se constitui como ciência daquilo que se dá de modo absoluto, isto é, da própria coisa revelada à consciência. Esta perspectiva pode, ainda, ser definida enquanto um discurso dos fenômenos, que seria uma descrição racional de tudo o que aparece. Deste modo, o fenômeno é entendido como aquilo que surge no campo da consciência de forma pura e absoluta, devendo ser compreendido como a própria coisa que se revela à consciência. Sendo a essência do homem ser sujeito-conhecedor, é a partir desta existência que se pode ter conhecimento sobre as coisas. O diferencial da Fenomenologia foi,

justamente, apostar na virada transcendental, isto é, no estudo do sujeito que conhece e na sua relação estabelecida com aquilo que viria a ser o seu objeto de conhecimento.

Assim, a Fenomenologia enquanto método pode caracterizar-se como uma abordagem descritiva nas palavras de Holanda (2006), pois viabiliza um espaço onde o fenômeno pode mostrar-se e falar por si mesmo. Desta forma, objetiva-se apreender o sentido da experiência para os sujeitos que a vivenciaram, pois somente estes conseguiriam descrever aquilo que se deu em sua vivência. Ainda que vários sujeitos discurssem sobre as diversas facetas de um determinado fenômeno, suas descrições individuais apresentam derivações gerais que podem ser caracterizadas enquanto as essências da experiência em questão.

Seguindo na reflexão acerca da correlação entre a Filosofia e a Psicologia, o filósofo Martin Heidegger, buscando expandir a perspectiva fenomenológica apresentada por Husserl, inaugura, em 1927, seu projeto de fenomenologia hermenêutica existencial e sua concepção acerca da ontologia fundamental. Em sua obra, Heidegger tece reformulações sobre a essência do homem, sendo que esta se faz presente nos modos como este se relaciona com o mundo e suas dimensões de tempo e espaço. Assim, é essencial para a hermenêutica fenomenológica a compreensão das interpretações historicamente sedimentadas que apresentam-se intrincadas nos fenômenos que constituem a totalidade da vida, pois são estas que constituem as tramas de significações através das quais o sujeito posiciona-se no mundo e é afetado por este (Braga, 2014).

### *Aspectos Éticos*

Este estudo foi submetido à avaliação do Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia sob o número de CAAE 86044717.6.0000.5152. Após autorização das colaboradoras e assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), as entrevistas foram armazenadas em formato de áudio e estes arquivos foram deletados após transcrição.

### *Colaboradoras*

Ao total, foram entrevistadas 6 mulheres: Diana, Aurora, Dafne, Maia, Flora e Iris. Suas idades variaram entre os 26 e 50 anos. Para Aurora, Dafne, Flora e Iris, o álcool foi a substância mais utilizada durante o uso problemático, enquanto que, para Diana, a substância utilizada era o crack. Atualmente, estas mulheres não se encontram em uso problemático, com exceção de Flora, que em alguns momentos de seu relato compartilha sobre como ainda encontra-se em sofrimento devido ao uso de álcool. Estas mulheres foram recrutadas a partir

da divulgação desta pesquisa na Clínica Escola de uma cidade do interior de Minas Gerais. O número de colaboradoras foi definido a partir da ferramenta de amostragem por saturação. Essa avaliação é realizada após um longo processo de análise das informações recolhidas, buscando o momento em que estas não mais contribuem significativamente para a reflexão teórica do estudo (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008). Enquanto critérios de inclusão, foram selecionadas mulheres com idade superior a 18 anos e que fazem ou já fizeram uso de álcool ou outras SPA's. Os critérios de exclusão relacionam-se à decisão da colaboradora que, por qualquer motivo, não queira mais participar do estudo.

### *Instrumentos*

Buscando propiciar um espaço onde o discurso acerca das experiências poderia dar-se livremente foi empregado enquanto instrumento a entrevista fenomenológica, composta por uma questão disparadora: “Fale-me como é para você fazer ou ter feito consumo problemático de álcool ou outras substâncias psicoativas no seu tratamento, nos seus relacionamentos familiares e sociais”. Gomes (1997) afirma que a entrevista permite ao entrevistado explorar o mundo vivido e os sentidos que este mundo tem para ele. Os resultados viabilizam um retorno ao mundo real onde se deram as experiências, possibilitando um novo entendimento destas e propondo modos alternativos de existência.

### *Procedimento para Análise das Informações*

Após realizada a transcrição, a análise fenomenológica da transcrição das entrevistas seguiu os quatro passos descritos por Martins, Boemer e Ferraz (1990):: (1) leitura da descrição realizada pelo colaborador, sem interpretações, buscando apreender o sentido geral da descrição; (2) ao se chegar ao sentido geral, o pesquisador realiza novamente a leitura da descrição, porém agora se atentando à identificação das unidades de significado; (3) após isto, é feita uma (re)leitura das unidades, visando identificar e evidenciar o significado que elas expressam; e (4) é feita uma síntese das unidades de significado, o que viabiliza ao pesquisador chegar à estrutura do fenômeno. Segue as principais unidades de significado encontradas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do exercício de leitura e releitura dos discursos das colaboradoras, foi possível identificar quatro unidades de significado: o primeiro contato com álcool e/ou outras SPA's; o

contexto universitário; sofrimento existencial, angústia e o uso de substâncias; estigma da mulher usuária, humilhação social e violência. Abaixo segue a análise de cada uma das unidades encontradas.

### *O primeiro contato com álcool e/ou outras SPA's*

Nesta primeira unidade, serão analisadas as falas das mulheres entrevistadas que remetem à primeira vez que estas fizeram uso de álcool e/ou outras SPA's. Pretende-se discutir acerca de como se deu esta experiência, bem como sobre qual foi a primeira substância que estas mulheres experimentaram em suas vidas.

Das seis mulheres entrevistadas, três informaram que o primeiro contato com álcool e/ou com outras SPA's ocorreu entre os 10 e 15 anos de idade. Diana não especifica como se deu o primeiro contato com a substância, apenas ressalta que tal fato se deu em sua infância, aos 10 anos de idade. Aurora relaciona o uso de substâncias à entrada simbólica em um determinado grupo de pessoas, bem como faz reflexões sobre as implicações disto na alteração de seu comportamento e aparência.

*E aí tipo, eu era muito estudiosa, era muito nerdzinha e tal, super empenhada, fazia vários tipos de esportes e... E aí eu conheci alguns amigos na escola, tipo no sexto ano mais ou menos, e foi meio que uma busca de aceitação, sabe? Pra estar ali no meio das pessoas e tal. E aí eu comecei a mudar meu estilo (...)* (Aurora).

Ao resgatar sua trajetória de vida, Dafne recorda que, por volta dos doze anos de idade, seus tios ofertavam cerveja sem álcool para que a mesma fizesse uso. Posteriormente, em torno dos quinze anos de idade, Dafne teve seu primeiro contato com álcool em festas de aniversário de seu círculo de amizades. *“Com quinze anos, numa festa de quinze anos da minha amiga, que eu tomei, assim... Fora de casa, com álcool mesmo. E a partir de então, sempre quando aparecia algo que eu tinha a oportunidade...”* (Dafne). É interessante ressaltar que Maia destaca que seu primeiro contato com o álcool se deu de modo semelhante. *“Com 14, 15 anos (...) quando eu comecei a ir em festinha de 15 anos e sempre tinha batidas, esses drinks e foi meu primeiro contato. E desde então, eu comecei a beber”* (Maia).

Cavalcante, Alves e Barroso (2008), em um estudo sobre as possibilidades de promoção de saúde e a vulnerabilidade do adolescente ao uso de álcool e outras SPA's, encontram na literatura que o fato de possuir amigos que fazem uso de substâncias pode ser um dos motivadores para o primeiro contato. Paini, Casteletto e Fonseca (2010) também discutem sobre como a influência exercida pelo grupo de colegas podem levar o adolescente ao primeiro contato com substâncias.

Ademais, o álcool aparece no relato das entrevistadas como a primeira substância com a qual tiveram contato. Vargas et al. (2015), em um estudo descritivo e exploratório em prontuários de mulheres que foram atendidas em um determinado serviço especializado, encontraram em 81,3% dos documentos que a idade média de primeiro contato com as drogas foi de 16 anos, sendo que destes, 86,45% tiveram o álcool como a primeira substância utilizada.

### *O contexto universitário*

Nesta unidade, pretende-se discutir acerca do uso de substâncias pelas colaboradoras após o ingresso no Ensino Superior, refletindo sobre como e se o contexto universitário interfere no uso de substâncias psicoativas. Alguns estudos dedicam-se a compreender o fenômeno de uso de álcool e SPA's no ambiente universitário, trazendo discussões sobre como o tabaco e o álcool são as substâncias de preferência neste contexto (Imai, Coelho, & Bastos, 2014; Brito, Gordia, & Quadros, 2014; Ferraz, Rebelatto, Schneider, & Anzolin, 2017) e corroboram com os relatos das colaboradoras deste estudo, como vemos abaixo:

*Eu comecei a fazer uso de álcool quando eu entrei na Universidade. A priori eu nunca gostei de cerveja, nunca gostei de bebida, mas bebia porque era contexto... Bebo, né? Porque é um contexto, assim, social, um contexto que todo mundo também bebe, todo mundo tá ali junto, reunido (Flora).*

Analisando como tal experiência se deu para Flora, a colaboradora relata que, além das alterações de seus padrões acerca do uso de álcool, o frequentar eventos cujo público-alvo são os estudantes universitários, foi um fator que viabilizou o uso de outras substâncias. As vivências de Flora vão de encontro à fala de Maia, que relata sobre como as festas universitárias e o incentivo por parte de amigos e colegas foram motivadores que as levaram ao uso de outras substâncias, para além do álcool. Flora e Maia compartilham que algumas destas festas caracterizam-se por possuir um extenso tempo de duração, cerca de três à cinco dias. Este tipo de evento, somado ao convite realizado por amigos e colegas, foram motivadores para o uso de outras substâncias para ambas as colaboradoras. Entre as demais substâncias utilizadas por Maia, Dafne e Flora, pode-se citar: maconha, metanfetamina (MDMA), ecstasy, ácido lisérgico dietilamida (LSD) e lança-perfume (ou “loló”).

*E depois eu comecei a ter contato com outras drogas muito por causa dos jogos universitários, né? O primeiro jogos que eu fui eu só fumava maconha até então. E como é aquele batidão, aquela coisa... O dia inteiro de evento, tem que estar animado o tempo todo, bebendo o tempo todo, então surgiram amigos que usavam e falavam ‘Ah, você não*

*quer experimentar?’(...) Pra eu conseguir curtir, pra eu não me sentir cansada, pra conseguir ficar na mesma sintonia que o pessoal, sabe? (Maia).*

A partir das entrevistas realizadas, foi possível constatar como que, para as colaboradoras deste estudo, o uso de substâncias esteve relacionado às interações sociais proporcionadas pelo ambiente universitário. Tal fato pode relacionar-se aos achados de Sousa, Medeiros, Araújo e Belo (2019), em um estudo sobre as representações sociais de mulheres universitárias sobre o álcool. Os autores encontraram que, entre as estudantes que faziam uso de álcool, essa substância está associada a significados positivos, relacionada à palavras como “diversão”, “comemoração”, “festa” e “alegria”.

Contudo, no relato de Flora, a mesma compartilha sobre como o momento de descontração e lazer social passa a ser marcado, exclusivamente, como um momento para fazer uso. Nas palavras da entrevistada, os relacionamentos ficam em segundo plano, o que leva as pesquisadoras a refletirem sobre como as drogas, a princípio, assumem um papel de busca de pertencimento à um grupo social, a um momento de descontração, de sentir e experienciar sensações; entretanto, a intensificação do uso também encontra-se relacionada ao afastamento das pessoas, ainda que estejam próximas e um ambiente que facilitaria as trocas pessoais.

### *Sofrimento existencial, angústia e o uso de substâncias*

Esta categoria trata sobre questões existenciais, ligadas à disposição afetiva da angústia e ao sofrimento, assim como as implicações destas questões no uso problemático de álcool e/ou outras SPA's. Um aspecto em comum que surge na fala das colaboradoras diz respeito a uma angústia, a priori sem justificativa, sem compreender de onde vem e como vem. Este “vazio”, como é descrito por algumas das entrevistadas, foi considerada por aquelas que o compartilham enquanto um dos motivadores para a intensificação do uso problemático de álcool e outras SPA's. Na fala de Aurora: “(...) *eu sempre utilizei esse tipo de coisa pra meio que tampar uma coisa que tinha aqui dentro. Era um vazio, uma angústia, um sentimento de não pertencer a lugar nenhum. E eu usava como válvula de escape mesmo*”.

Braga e Farinha (2017), analisando o conceito de existência de acordo com a perspectiva filosófica de Heidegger, tratam sobre a angústia enquanto disposição afetiva e do Dasein que o volta para a sua própria condição existencial. Para a hermenêutica existencial, o Dasein é o modo como Heidegger denomina o ser humano, cuja tradução significa ser-aí, sob a condição de ser no mundo. Nas palavras das autoras, “o ser-aí é um ser-para-a-morte na medida em que é apenas nela que finalizamos a realização de nossas possibilidades de ser” (p.

68). Assim, o Dasein encontra-se lançado à infinitas possibilidades de ser que só se encerram no momento da morte, tornando-o, portanto, ser-para-a-morte. E é nesta perspectiva que, além de ser disposição afetiva, a angústia torna-se condição ontológica ao romper com as tramas existenciais sedimentadas do Dasein, abrindo-o para sua condição existencial de possibilidade, inclusive a de não-ser, como podemos ver nos dizeres: *“O uso problemático do álcool vem batendo na tecla do refúgio pra mim (...) e aí depois no outro dia isso me causa tristeza, me deixa mais deprimida ainda, e aí eu vou e bebo de novo pra poder sair desse estado e aí entra nesse ciclo vicioso”* (Flora).

Fazendo uma análise a partir da conceituação de ser-para-a-morte, estes momentos em que as colaboradoras compartilham sobre este “vazio”, “falta”, “abismo”, estas podem estar a se referir sobre as suas próprias condições de ser no mundo. Quando deparam-se com o fato de que encontram-se imersas às várias possibilidades de vir a ser, recorrer ao álcool ou a outras SPA’s representaria um movimento existencial de retorno à trama de significados previamente sedimentada, na qual o álcool ou mesmo as outras SPA’s assumem um lugar significativo. Entretanto, por tratar-se de um uso problemático e gerador de sofrimento, estas substâncias que outrora assumiram sentidos e significados a partir de uma experiência no mundo, perdem sua ligação com a dimensão do concreto e fazem emergir a angústia. Nas palavras de Braga (2018):

*Na condição existencial de estar imerso numa trama significativa em que figuram múltiplas perspectivas entrecruzadas, a crise pode se apresentar como situação disparadora da angústia, enquanto tonalidade afetiva relativa ao rompimento com o mundo comum e com a trama existencial cerzida pelos significados sedimentados no cotidiano (p. 73).*

No relato de Diana, é interessante observar o fato de que ela toma o uso de SPA’s enquanto condição necessária para esquecer quem ela é. Ao mesmo tempo em que sua fala parece remeter a uma interpretação subjetiva feita no passado, o modo como as palavras são dispostas em seu discurso dão a impressão que tal interpretação ainda encontra-se inserida nas significações que a Diana, do momento da entrevista, dirige a si mesma. Assim, um dos motivadores do uso seria a possibilidade de temporariamente romper com a dimensão do concreto, isto é, de romper com aquilo que se é no momento e que gera sofrimento. *“Eu não conseguia viver sem droga, eu tinha que estar usando alguma droga. Eu creio que para abafar, anestesiá-la quem eu era. Eu nunca me aceitei de verdade. Sempre tinha alguma coisa ou outra”* (Diana).

Aurora, que também descreve sobre o “vazio” outrora sentido, ao ingressar no grupo de Narcóticos Anônimos, ouvir o que era compartilhado por outros participantes, inseridos em vivências semelhantes às dela, tem a possibilidade de analisar sua trama de significados a partir da experiência de compartilhamento com o outro. Um outro que não mais, como os amigos anteriores, que compartilhavam do uso de substâncias; mas que encontra-se em posição de questionar sobre quem se é e, por isso, também a coloca nessa posição de dizer sobre seu próprio ser. Tanto para Aurora quanto para Iris e Diana, os trechos em suas falas remetem à procura e encontro com o tratamento atestam a condição ontológica de realizar outras possibilidades de existência que não as previamente vividas. Elas agora podem ser qualquer coisa que não a mulher que faz uso problemático de álcool ou outras SPA's. Elas podem agora romper com os julgamentos externos e internalizados que as aprisionavam às experiências de estigmatização para ser outra coisa que não essas vivências.

Além disso, a experiência de luto e as separações provocadas pelo uso problemático também se mostram no relato de Aurora, como podemos ver no trecho: *“E nessa época eu tive uma perda muito grande na minha vida, que foi a minha avó que faleceu, e aí eu afundei mais um pouquinho. Tipo, beber, usar droga e tal, e fumar e tal”*. O luto, para além de representar a experiência de uma perda abrupta e significativa de alguém, nos evoca a condição de seres mortais (Freitas, 2013), de ser-para-a-morte. Fazendo menção à noção de intersubjetividade de Merleau-Ponty, Freitas (2013) descreve que o luto, em uma perspectiva existencial, transforma de modo abrupto a vivência e os modos do ser de se dar em uma relação com os outros. Nas palavras do autor, é a partir da experiência com o outro, da intercorporeidade, que é possível ao ser tornar-se visível para si mesmo. *“Sendo com o outro um campo relacional, a coexistência em um mesmo mundo funda, por meio da intercorporeidade, as relações e as experiências subjetivas. A intersubjetividade é, portanto, a articulação da experiência, tornando-a possível”* (p. 99).

### *Estigma da mulher usuária, humilhação social e violência*

Por fim, a quarta categoria diz respeito ao estigma construído em torno da mulher que faz uso problemático de álcool e/ou outras SPA's a partir da percepção das mulheres entrevistadas. Com base no que foi encontrado em seus relatos, é tecida breve discussão acerca da temática da humilhação social, o que fornece instrumentos para análise da violência, presente no relato de Iris e Dafne. Portanto, faz-se necessário breve contextualização acerca dos temas a serem trabalhados nesta unidade, começando pelo conceito de estigma, representado na fala de Iris: *“E aí, pra finalizar, a minha família não gostava de mim, a*



*minha família tinha vergonha de mim, a família fazia festa e não me chamava mais... Porque eu já tava muito detonada, eu tava muito maltratada, muito judiada”.*

De acordo com Goffman (2008), estigma seria a experiência de reduzir um sujeito a uma característica deste (seja algo do âmbito do caráter, do corpo físico, de comportamentos) de modo negativamente percebido por esse sujeito. No estigma, o indivíduo é rotulado com essa característica de tal modo que seus outros atributos pessoais são parcialmente ou totalmente invalidados. Tendo isso em vista, essa experiência pode ser precursora do preconceito, de tal modo que o estigmatizado pode ser tratado, em variadas proporções, de modo hostil e excludente pelos ditos normais (ou não portadores deste atributo socialmente indesejado).

É imprescindível também falar sobre o conceito de humilhação social para a análise que se segue. De acordo com Gonçalves (2007), a humilhação social é um fenômeno ligado à dominação, primordialmente, pautada na história de constituição da nação brasileira e, portanto, em seus contextos cultural, político e social vigentes. Trata-se de um rebaixamento que atinge todo um grupo ou classe, por vezes interpretado enquanto individualmente sentido pelo sujeito. É um ato ancestralmente reproduzido, e por isto naturalizado, e com tendências a individualizar a culpa pelo ato de humilhação no próprio humilhado. Trata-se de uma dor sentida pelo indivíduo, mas compartilhada com aqueles que a ele estão ligados e com os que os precederam. E, ainda, tem por característica marcante a invisibilização do sujeito que carrega anos de submissão ascendente. No caso das mulheres, Gonçalves (2007) alerta que o sistema social do patriarcado gera práticas pautadas na disparidade de gêneros. Nas palavras do autor, a humilhação social é sentida pelas mulheres, no sentido em que estas foram historicamente “(...) *devidas por seus pais, irmãos e maridos, por seus professores e chefes*” (p. 195).

A experiência de estigmatização é bem representada pela vivência de Iris. Ela compartilha sobre como ter feito uso problemático de álcool cria uma identidade social virtual, de tal modo que a única coisa que a família e o marido enxergavam nela era essa característica (ou esse vício ou ainda isso). Em vários momentos de seu relato, a mesma enfatiza expressões como “vagabunda” para referir aos modos como era tratada por terceiros, parecendo ter internalizado de modo que a mesma passa a se denominar desta maneira ao recordar do uso. Em termos de humilhação social, o fato de ser mulher e estar em uso a coloca em duas categorias que historicamente estão suscetíveis a experiências de humilhação, sendo impactada ainda pela discriminação dos familiares. Segue trecho da entrevista que corrobora com esta reflexão: “(...) *quando eu bebia, eu era vagabunda, eu era sem vergonha, eu era*

*uma cachaceira das mais ordinária... Todo mundo que entrava dentro da minha casa tirava uma casquinha de mim” (Iris).*

Diana recorda-se da experiência de desumanização por ela vivenciada, ao recordar de si mesma enquanto um zumbi no período em que fazia uso problemático de crack. Além disso, Diana compartilha sobre como sente que rompeu com os papéis sociais geralmente atribuídos às mulheres: papel de mãe, de filha, de irmã, de esposa. O uso problemático de álcool e outras SPA's fez com a colaboradora perdesse outras possibilidades de ser, reduzindo-se à condição ontológica de mulher que faz uso problemático de substâncias psicoativas.

*E é muito rápido a decadência, né? Ai, assim, por ser muito rápido a decadência, é muito rápido que os valores vão todos embora. E a progressão é tão grande que... Que realmente eu perdi de novo pra só agora estar achando os meus valores, a minha autoestima, o meu amor pelas pessoas, aliás, o meu amor próprio e o meu amor pelas pessoas... Filho, mãe, irmã... E então, mais uma vez, eu percebi que não me via como ser humano mais. Eu era de novo um zumbi (Diana).*

Amazonas, Vieira e Pinto (2011) refletem sobre como as mulheres recebem demandas sociais para cumprir o papel de esposa e de mãe nos espaços privados, ainda que socialmente exista um discurso de liberdade e autonomia em relação a elas mesmas. Em um estudo sobre o alcoolismo feminino, Souza, Santos e Lima (2008), discutem sobre como a mulher alcoolista é encarada como aquela que abre mão de responsabilidades sociais a ela atribuídas simplesmente pelo fato de ser mulher. Assim, aquela que se encontra em uso problemático, é vista como se estivesse rompendo com essas responsabilidades de mãe, esposa, dona de casa. É o rompimento com estes papéis sociais que dá margem à experiência de estigmatização e preconceito.

Teles e Melo (2017), afirmam que a categoria "gênero" têm sido empregada pelas ciências humanas para a compreensão das desigualdades socioculturais observadas, sobretudo, entre as mulheres e os homens. Para as autoras, são estas desigualdades que estabelecem e legitimam papéis sociais historicamente construídos, sendo que estes papéis legitimam uma relação de dominação por parte dos homens e de submissão por parte das mulheres. Para Teles e Melo (2017), é justamente esta relação díspare, de dominação e de submissão, que contribui para as relações violentas entre os sexos. Refletindo sobre o modo como isto aparece nas entrevistas, segue as falas onde Iris e Dafne resgatam situações de violência vividas dentro de relacionamentos amorosos:

*Dentro do meu namoro eu tomava muito álcool. Porque eu e ele a gente gostava de beber cerveja principalmente. (...) E isso era muitas vezes muito prejudicial, porque era uma relação patológica banhada a álcool, né? Já aconteceu de gerar agressões, de excesso de ciúmes (Dafne).*

*Comecei a brigar com o marido, comecei a ser agressiva com ele, ele começou a me bater. Ele chegava bêbado do serviço e, do jeito que ele chegava com o carro, ele batia o carro no muro do vizinho. Direto ele tava arrumando carro, estragando, batendo. E eu chamando a polícia, nós já fomos presos, nós dois. (...) Quando ele começou a me bater e me jogar para rua, eu não tinha mais pra onde ir e eu ficava na rua. (...) E isso acontecia direto e reto. Ele me batia, me deixava para rua e ali qualquer um usava e abusava (Iris).*

Ao ser colocada na rua pelo marido, Iris relata uma série de experiências onde a mesma foi vítima de violência sexual. Azevedo (2016), em um estudo sobre a teoria da Dominação Simbólica, afirma que, para Pierre Bourdieu, a diferenciação biológica dos sexos masculino e feminino, marcada por uma construção social acerca da divisão sexual, legitima a dominação pelo masculino. Trata-se de uma dominação de tal modo que o "feminino" encontra-se subordinado ao masculino, partindo pressuposto socialmente naturalizado de superioridade masculina. Em relação à violência sexual, Viana e Sousa (2014), citando Bourdieu (2005), concluem que este tipo de violência contra a mulher está intimamente ligado ao exercício do poder simbólico, pois "a mulher é vista como objeto ou símbolo cuja atribuição, no terreno das trocas simbólicas, é manter o capital simbólico que se concentra em benefício das forças de dominação, a fim de perpetuar o poder dos homens" (p. 157).

Essas experiências relatadas pelas colaboradoras podem ser compreendidas pela literatura científica, que aponta sobre como a utilização de álcool ou outras SPA's, por parte dos companheiros, potencializa a experiência de violência vivida pela mulher (Vieira et al., 2014). Buscando analisar a dinâmica de violência doméstica empregada contra a mulher, Deeke, Boing, Oliveira e Coelho (2009) encontram dados impactantes com 30% dos agressores fizeram uso de álcool antes ou depois da agressão, sendo que 6,7% das mulheres fizeram uso de álcool combinado a medicamentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo objetivou compreender experiências que são compartilhadas por mulheres em uso problemático de álcool e/ou outras SPA's, enfocando o desvelar da experiência a partir do relato dessas mulheres sobre seus relacionamentos familiares e sociais. O gênero feminino precisa lidar não apenas com a estigmatização tecida em torno do sujeito que faz uso problemático de substâncias, mas com processos históricos e culturais que

legitimam a relação dominação-submissão entre o masculino e o feminino. O presente estudo visa, ainda, uma abertura das diversas possibilidades de pesquisa com essas mulheres, buscando incentivar pesquisas futuras que enfoquem as relações de gênero, bem como o preconceito vivenciado por aquela que não só é mulher, mas que está em sofrimento existencial devido ao uso de substâncias.

Refletir sobre essas vivências a partir de uma perspectiva histórica e social se faz imprescindível, uma vez que possibilita a reconfiguração das práticas em saúde pública, tanto no que diz respeito à promoção e prevenção em saúde, quanto ao tratamento que é direcionado a essas mulheres. As pesquisas qualitativas, neste sentido, devem auxiliar o profissional de saúde a encarar o fenômeno, contextualizando seu surgimento e as implicações deste nas vidas dos sujeitos.

Desta forma, é possível levar em consideração a temática sem a culpabilização e/ou individualização do vivido naquele sujeito. Para além disso, ainda que os sujeitos vivam experiências singulares e subjetivas, essas experiências são perpassadas por perspectivas socialmente constituídas. Assim, o refletir torna-se fundamental para se pensar sobre o tratamento direcionado à mulheres em uso problemático, já que a literatura aponta a necessidade de um trabalho de conscientização junto aos profissionais da área de Saúde Mental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amarante, P. (2017). *Saúde mental e atenção psicossocial*. SciELO-Editora FIOCRUZ.
- Amazonas, M. C. L. A., Vieira, L. L. F., Pinto, V. C. (2011). Modos de Subjetivação Femininos, Família e Trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 314-327. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v31n2/v31n2a09>
- Assis, D. F. F., Castro, N. T. (2010). Alcoolismo Feminino: início do beber alcoólico e busca por tratamento. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), 9(2), 358-370. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <https://www.redalyc.org/html/3215/321527167016/>
- Azevedo, T. A. G. (2016). A Dominação Simbólica, à Luz da Teoria da Dominação Masculina de Pierre Bourdieu. *Amazônia em Foco*, 5 (8), 178-195.
- Braga, T. B. M. (2014). *Atenção Psicológica e Cenários Sociais: Ação Clínica, Instituições e Políticas Públicas na Promoção da Cidadania*. Curitiba: Juruá.
- Braga, T. B. M. (2018). Grupos de Atenção Psicológica e Cuidado ao Sofrimento Humano: da Intersubjetividade à Dimensão Ético-Política. In: Braga, T. B. M.; Silveira, R. W. M.; Goto, T. A.; Campos, R. F. (2018) *Psicologia em Saúde, Educação e Assistência Social* (pp. 71 - 93). Curitiba: Appris.
- Braga, T. B. M., & Farinha, M. G. (2017). Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 23(1), 65-73. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5921968>
- Brito, B. J. Q., Gordia, A. P., Quadros, T. M. B. (2014). Revisão da literatura sobre o estilo de vida de estudantes universitários. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 6(2), 66-76. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <https://revistas.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/1838/1213>
- Campos, E. A; Reis, J. G. (2010). Representações sobre o uso de álcool por mulheres em tratamento em um centro de referência na cidade de São Paulo - Brasil. *Comunicação, Saúde, Educação*, 14(34), 539-550. Recuperado em 26 de março de 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n34/aop0710>
- Cavalcante, M. B. P. T., Alves, M. D. S., & Barroso, M. G. T. (2008). Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 12(3), 555-559. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a24>

- Deeke, L. P., Boing, A. F., Oliveira, W. F. D., & Coelho, E. B. S. (2009). A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde e Sociedade*, 18, 248-258. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902009000200008&script=sci\\_arttext&tlng=en](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902009000200008&script=sci_arttext&tlng=en)
- Desviat, M., & Ribeiro, V. (2015). *A reforma psiquiátrica*. SciELO-Editora FIOCRUZ.
- Ferraz, L., Rebelatto, S. L., Schneider, G. C., & Anzolin, V. (2017). O uso de álcool e tabaco entre acadêmicos de uma universidade do sul do Brasil. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 30(1), 79-85. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/5485>
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Recuperado em 20 de Novembro de 2017. <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>
- Foucault, M. (2014). *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- Freitas, J. D. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97-105. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672013000100013&script=sci\\_abstract&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672013000100013&script=sci_abstract&tlng=en)
- Goffman, E. (2008). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes, 4. Rio de Janeiro: LTC.
- Gomes, W. B. (1997). A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciência. *Psicologia USP*, 8(2), 305-336. Recuperado em 20 de Novembro de 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>
- Gonçalves, A. M., Sena, R. R. (2001). A reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos sobre o cuidado com o doente mental na família. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. 9(1), 48-55. Recuperado em 27 de Novembro de 2017. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692001000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692001000200007)
- Gonçalves, J. M., Fº. (2007). Humilhação Social: Humilhação política. In Souza, B. D. P. (2007). *Orientação à Queixa Escolar* (pp. 223-240). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Goto, T. A. (2014). *Introdução à Psicologia Fenomenológica: A nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.

- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3(24), 363-372. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/176>
- Imai, F. I., Coelho, I. Z., & Bastos, J. L. (2014). Consumo excessivo de álcool, tabagismo e fatores associados em amostra representativa de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 23, 435-446. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S2237-96222014000300435&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S2237-96222014000300435&script=sci_arttext&lng=pt)
- Martins, J., Boemer, M. R., & Ferraz, C. A. (1990). A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 24(1), 139-147. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/136144>
- Millani, H. D. F. B., & Valente, M. L. L. (2008). O caminho da loucura ea transformação da assistência aos portadores de sofrimento mental. *SMAD: Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 4(2), 00-00. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-69762008000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762008000200009&lng=pt&nrm=iso)
- Nóbrega, M. P. S. S., Oliveira, E. M. (2005) Mulheres usuárias de álcool: análise qualitativa. *Revista de Saúde Pública Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo*, 39(5), 816-823. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.repositorio.unifesp.br/handle/11600/2724>
- Oliveira, F. O., Paiva, M. S., Valente, C. L. M. (2007). A interferência do contexto assistencial na visibilidade do consumo de drogas por mulheres. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15(2), 247-252. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.redalyc.org/html/2814/281421873009/>
- Oliveira, G. C., Dell'Agnolo, C. M., Ballani, T. S. L., Carvalho, M. D. B., Pelloso, S. M. (2012). Consumo abusivo de álcool em mulheres. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 33(2), 60-68. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/17445>
- Paini, L. D., Casteletto, H. S., & Fonseca, G. (2010). Análise do uso de drogas nas escolas públicas: como os amigos influenciam no contato e disseminação das drogas. *Avesso do Avesso*, 8(8), 28-44. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de [http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v8\\_artigo02\\_analise.pdf](http://www.feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v8_artigo02_analise.pdf)

- Paiva, F. S., Ferreira, M. L., Martins, M. Z. F., Barros, S. L. C. F., & Ronzani, T. M. (2014) A Percepção Profissional e Comunitária Sobre a Reinserção Social dos Usuários de Drogas. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 696-706. Recuperado em 26 de Junho de 2019 de <http://submission.scielo.br/index.php/psoc/article/view/117685/8918>
- Pratta, E. M. M., Santos, M. A. (2009). O processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25, 203-211. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v25n2/a08v25n2>
- Sousa, K. P. A., Medeiros, E. D., Araujo, L. F., & Belo, R. P. (2019). Representações sociais do álcool entre estudantes universitárias brasileiras. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 1-24. Recuperado em 17 de Junho de 2019, de <https://revista.psico.edu.uy/index.php/revpsicologia/article/view/491/375>
- Souza, J. G. D., Santos, R. D. S., & Lima, J. M. B. D. (2008). Alcoolismo feminino: subsídios para a prática profissional da enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 12(4), 622-629. Recuperado em 10 de Junho de 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n4/v12n4a03>
- Teles, M. A. A., Melo, M. (2017). *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Brasiliense.
- Torre, E. H. G., Amarante, P. (2001). Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental. *Ciência e Saúde Coletiva*, 6(1), 73-85. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <http://www.redalyc.org/html/630/63060106/>
- Vargas, D. D., Soares, J., Leon, E., Pereira, C. F., & Ponce, T. D. (2015). O primeiro contato com as drogas: análise do prontuário de mulheres atendidas em um serviço especializado. *Saúde em Debate*, 39, 782-791. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de [https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0103-11042015000300782&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0103-11042015000300782&script=sci_arttext&tlng=pt)
- Viana, A. J. B., Sousa, E. S. S. (2014). O poder (in)visível da violência sexual: abordagens sociológicas de Pierre Bourdieu. *Revista de Ciências Sociais*, 45 (2), 155-183. Recuperado em 17 de Junho de 2019, de <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2506>
- Vieira, L. B., Cortes, L. F., Padoin, S. M. D. M., Souza, Í. E. D. O., Paula, C. C. D., & Terra, M. G. (2014). Abuso de álcool e drogas e violência contra as mulheres: denúncias de vividos. *Revista brasileira de enfermagem*. 67 (3), 366-72. Recuperado em 11 de Junho de 2019, de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/116121>